

MESA REDONDA: TRADUÇÕES REVOLUCIONÁRIAS BRASILEIRAS: REVOLUÇÃO CIENTÍFICAS, A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO DE LEONARDO BOFF E O HANS STADEN DE MONTEIRO LOBATO

Dennys Silva-Reis (POSLIT/UnB)
Maria Alice Antunes (UERJ)
John Milton (USP)

No seu ensaio seminal "The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem" (1990), Itamar Even-Zohar escreve que a posição normal da tradução dentro do polissistema literário é conservadora, mantendo estilos, gêneros e conceitos já aceitos na aquela literatura. Porém, há ocasiões quando a literatura traduzida pode introduzir novas formas e ideias. Um exemplo bastante conhecido é a influência que a literatura latino-americana teve na literatura de língua inglesa nas últimas décadas do século XX quando escritores como Salman Rushdie e Angela Carter foram influenciados pelas traduções que leram de García Márquez, Borges, Cortázar, Vargas Llosa e outros.

Esta mesa redonda reúne três apresentações que discutem três maneiras nas quais traduções brasileiras ou de obras brasileiras foram contra o status quo, introduzindo ideias novas, no caso do trabalho de Dennys Silva-Reis, sobre a tradução de obras técnico-científicas no Brasil do século XVI ao século XIX, a divulgação da obra do teólogo da la libertação, Leonard Boff, fora do Brasil, no caso da apresentação de M. Alice Antunes, e a crítica e a desconstrução da história eurocêntrica da América Latina, no caso do *paper* sobre a adaptação de Hans Staden de John Milton.

Para uma história da tradução técnico-científica no Brasil do século XVI ao XIX

Durante muitos séculos, e em grande medida até os dias de hoje, o mais importante meio de propagação do saber (técnico)científico tem sido a difusão de seu gênero textual: o texto (técnico)científico. Este está configurado pelo conteúdo e pelo contexto da ciência no momento em que é produzido, o que o faz ter um poder argumentativo único, bem como “regras de civilidade” (Preste, 1996) que permeiam coletivos de cientistas e instituições em que o saber científico é basilar. No concerne à história da tradução técnico-científica no Brasil, a primeira constatação a ser feita é que as traduções propriamente brasileiras — feitas no Brasil — só surgiram no século XIX, na esteira da criação de instituições científicas permanentes, como o Jardim Botânico do Rio de Janeiro (1808), o Colégio Médico da Bahia (1808), a Academia Militar do Rio de Janeiro (1810), o Museu Real (1818), a Escola Médica do Rio de Janeiro (1832), o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838) etc. Essas instituições foram centros importantes de tradução e adaptação de obras técnico-científicas produzidas na Europa. Trata-se de um período ainda pouco investigado na historiografia da tradução no Brasil. Essa fase constitui uma verdadeira revolução na prática de traduções no país porque, durante mais de três séculos, foram as traduções feitas em Portugal que circularam e difundiram os conhecimentos técnico-científicos na Colônia. Neste trabalho, investigam-se os diversos modos como as traduções técnicas e científicas, ou simplesmente técnico-científicas, circularam, foram produzidas e recebidas ao longo da história do Brasil, bem como o impacto cultural, social e político que provocaram nos mais diversos meios. Para tanto, recorreremos aos postulados de

Peter Burke (2016) sobre história do conhecimento, de Scott Montgomery (2000) sobre os movimentos do conhecimento através da cultura e do tempo, de Dominique Preste (1996) sobre os objetos e abordagens da história da ciência, e de Maria Amélia Mascarenhas Dantes (2005) sobre a história das ciências no Brasil. Da investigação empreendida resultam duas constatações acerca do estabelecimento de uma possível tradição do pensamento tradutológico técnico-científico brasileiro: (1) o “ocidentalismo científico”, em que tanto os textos quanto as ideias difundidas no Brasil por meio da tradução provinham essencialmente da Europa ocidental, e (2) a noção de que o tradutor de textos deste gênero tem de ser necessariamente um especialista da área de conhecimento em questão.

[Este trabalho desenvolve parte do artigo “The History of Translation in Brazil through the Centuries: in search of a tradition”, escrito junto com John Milton, que será publicado em *The Translation Atlas* (John Benjamins, no prelo).]

Palavras chave: traduções técnico-científicas; historiografia da tradução no Brasil; ocidentalismo científico; tradutor especialista.

Reescrevendo a história da tradução de textos religiosos: o caso de Leonardo Boff e sua obra

Leonardo Boff estava presente nas primeiras reflexões que tentavam articular a indignação contra a miséria com o discurso da fé que levou à teologia da libertação, à sua extensa produção bibliográfica no Brasil e no exterior, ao posterior “silêncio obsequioso” a ele imposto pela Igreja e ao desligamento da igreja católica. Este trabalho tem como objetivo principal contribuir para o preenchimento de uma lacuna no campo da historiografia da tradução no Brasil, já que não há estudos conhecidos sobre as traduções dos textos da teologia da Libertação, e mais especificamente, dos textos de autoria de Leonardo Boff, no Brasil. Para tal, este trabalho recupera a historiografia das traduções da obra do teólogo brasileiro Leonardo Boff tendo por base uma das áreas propostas por Lieven D’hulst (2001) em “Why and how to write translation histories?": “quem traduziu/traduz os textos escritos por Leonardo Boff?” “O que se pode dizer sobre a história intelectual desses tradutores?”. A obra de Leonardo Boff conta atualmente com mais de sessenta títulos publicados no Brasil e no exterior em várias línguas, entre elas o esloveno, o servo-croata e o japonês, sendo o inglês, o francês, o alemão e o espanhol os mais frequentes. As versões de sua obra para essas línguas são feitas tanto a partir dos originais em português quanto de versões publicadas em alemão ou em italiano. Nossa construção da biografia intelectual dos profissionais envolvidos nas traduções da obra de Leonardo Boff baseia-se na análise dos paratextos dos livros publicados em inglês, francês, espanhol, italiano e alemão, na consulta aos sítios da Biblioteca Nacional da França e do Index Translationum (UNESCO), no acesso ao sítio da loja virtual amazon.com, na consulta às editoras que publicaram os títulos de autoria de Boff no exterior e nos emails aos próprios tradutores. Nossos resultados demonstram, a partir de análise das informações obtidas, que a obra de Leonardo Boff mereceu a atenção de vários tradutores e editoras fora do Brasil, já que desde o início a teologia da Libertação mostrou-se uma teologia de relevância social e com capacidade de “descolonização do conhecimento” (Bingemer, 2016). Os resultados indicam o papel central da tradução na transmissão das ideias de Boff e dos teólogos da Libertação nos anos 1980. Há tradutores com perfis semelhantes empenhados nas versões da obra de Boff. São padres-autores-teólogos-tradutores, tais como o francês François Malley e o irlandês Patrick Hughes. Nossos resultados indicam que a teologia da Libertação obteve largo alcance e promoveu “a

avaliação de outros tipos de pobreza – as chamadas pobreza antropológicas” (Bingemer, 2016, 75), entre elas a situação das mulheres e a questão do gênero. Indicam, finalmente, outras formas de reescrita, tais como os inúmeros artigos publicados no sítio do autor e as muitas biografias de Boff que circulam no mundo virtual, e que fazem as ideias de Leonardo Boff e a teologia da Libertação continuarem a circular dentro e fora do sistema religioso.

[Este trabalho é parte do texto “História da Tradução de Textos Religiosos: o Caso de Jesus Cristo Libertador (1972) de Leonardo Boff” (aceito para publicação, Rivista Costellazionni).]

Palavras-chave: historiografia da tradução; teologia da libertação; Leonardo Boff

O Hans Staden de Monteiro Lobato: Relativizando a Antropofagia dos Indígenas Brasileiros

É examinado neste trabalho a maneira na qual Lobato consegue inserir suas próprias ideias sobre a antropofagia e a história de América Latina dentro de sua adaptação da tradução para o português de Albert Løfgren (1900) da obra original de Hans Staden para escrever uma versão dirigida ao público infantojuvenil. Lobato faz muitas mudanças: junta vários capítulos, omitindo detalhes, e corta os subtítulos de cada capítulo; omite as ilustrações originais que Løfgren inclui; e moderniza a forma escrita dos topônimos. Também muda a personagem de Hans Staden, cortando a maioria das referências a Deus, com o resultado de que Hans resulta muito menos piedoso e mais velhaco e mentiroso.

Esse estudo descreve a maneira na qual Lobato consegue inserir suas próprias ideias sobre antropofagia dentro de Hans Staden. Por meio de sua técnica da recontagem da história de Hans Staden por Dona Benta, junto com as perguntas e comentários de Narizinho, Pedrinho e Emília, Lobato insere seu questionamento da história “gloriosa” dos colonizadores, criticando a crueldade dos colonizadores espanhóis e portugueses.

Assim no novo texto de Lobato o ponto de enunciação muda (Kristeva xxxx), agora sendo muito mais o de Lobato, e esse novo texto interage com outros textos de Lobato como *As Fábulas* (1922) e *Peter Pan* (1936), nos quais, usando a mesma técnica de recontagem, critica a mesquinha e a injustiça do sistema social, e a inferioridade do Brasil à Inglaterra, respetivamente.

A apresentação também compara a técnica de Lobato de inserir suas próprias ideias dentro de sua obra infantil com outros tradutores/ adaptadores semelhantes. Por exemplo, a adaptação do caráter de Pinóquio à cultura receptora (O’Sullivan 2006) e a islamização de traduções de contos infantojuvenis na Turquia (Birkan 2015).

Também podemos analisar a versão de Lobato do ponto de vista dos Estudos da Adaptação, e a tipologia de Kamilla Elliott de seis tipos de adaptação é útil: são os modelos psíquico, ventríloquo, de(re)composição, genético, e trunfara de Lobato sendo mais próxima à “de(re)composição” das ideias da obra original.

Esta análise é resultante do estudo sobre a tradução na obra de Monteiro Lobato, que já conta com várias publicações (por exemplo Milton 2004 e Milton 2007),

Palavras chaves: As traduções de Monteiro Lobato; as adaptações de Monteiro Lobato; antropofagia; Hans Staden

Dennys Silva-Reis é Mestre em Estudos da Tradução (POSTRAD- Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução) e doutorando em Literatura (POSLIT - Programa de Pós-Graduação em Literatura) pela Universidade de Brasília, onde prepara sua tese intitulada *Victor Hugo: tradutor intersemiótico*. Têm artigos publicados no Brasil e no exterior e seus principais eixos de trabalho são: Literatura Francófona, História da Tradução e Tradução intersemiótica. Também é professor, tradutor de Victor Hugo dentre outros autores francófonos e cronista em seu blog *Historiografia da tradução no Brasil* (<http://historiografiadatraducaobr.blogspot.com.br>). Entre suas últimas publicações estão os artigos “Os intérpretes e a formação do Brasil: os quatro primeiros séculos de uma história esquecida” (em coautoria com Marcos Bagno) (2016) e “Impactos da tradução escrita no Brasil do século XIX” (2015). Organizou os números *Negritude e tradução* (com a colaboração de Lauro Maia Amorim) da revista *Cadernos de Literatura em Tradução* (n. 16, 2016), *Quadrinhos em tradução* (com a colaboração de Rodrigo Favari) da revista *Tradterm* (n. 28, 2016) e *Tradução e Diásporas Negras* (com a colaboração de Cibele Sousa de Guadalupe), da revista *Translatio* (n. 13, 2017).

Maria Alice Antunes é professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde ensina Língua Inglesa no curso de Licenciatura em Letras – Inglês/Literaturas. É membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras, onde atua na linha de pesquisa “Literatura: tradução e relações (trans)culturais e intersemióticas. Entre suas publicações estão: *O Respeito pelo Original – João Ubaldo Ribeiro e a Autotradução* (2009); “Autobiographies, Self-translations and the Lives In-Between: the Cases of Gustavo Pérez Firmat and Ariel Dorfman” (Ticontre, 2017), “História da Tradução de Textos Religiosos: o Caso de Jesus Cristo Libertador (1972) de Leonardo Boff” (aceito para publicação, Rivista Costellazionni).

John Milton é Professor Titular na Universidade de São Paulo (USP), onde ensina Literatura Inglesa e Estudos de Tradução. Entre suas publicações estão *O Poder da Tradução* (1993) (reeditado como *Tradução: Teoria e Prática*, 1998 e 2010); e *Agents of Translation* (ed. com Paul Bandia) (2009), e (org. com Saliha Paker e Şehnaz Tahir Gürçağlar) *Tradition, Translation and Tension in Turkey*. Amsterdam: John Benjamins, 2015. Traduziu *Morte e Vida Severina*, de João Cabral para o inglês (*Death and Life of Severino*, 2003). Com Alberto Marsicano traduziu para o português Keats (*Nas Asas Invisíveis da Poesia*, 1998), Wordsworth (*O Olho Imóvel pela Força da Harmonia*, 2007) e Shelley (*Sementes Aladas*, 2010).

Referências

Baydan, Esra Birkan. *Ideological encounters: Islamist retranslations of the Western classics in Tradition, Tension and Translation in Turkey.*, ed. Şehnaz Tahir Gürçağlar, Saliha Paker and John Milton. Amsterdam: John Benjamins, 233-251, 2015.

Burke, Peter. *O que é história do conhecimento?* Tradução Cláudia Freire. São Paulo: UNESP, 2016.

Bingemer, Maria Clara. *Latin American Theology: Roots and Branches*. New York: Orbis, 2016.

Dantes, Maria Amélia Mascarenhas. *As ciências na História brasileira*. Ciência e Cultura (SBPC), São Paulo, v. 57, n.1, p. 26-29, 2005.

D'hulst, Lieven: "Why and How to Write Translation Histories". In: John Milton (ed.), *Emerging Views on Translation History in Brazil*. Crop 6, Sao Paulo: Humanitas FFLCH / USP, 21–32, 2001.

Even-Zohar, Itamar. "The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem." *Poetics Today* 11:1, pp. 45-51, 1990.

Kristeva, J. *Le mot, le dialogue et le roman*, en: *Semiotéke, recherches por une semanalyse*, Paris, 1969

Milton, John. "The Resistant Translations of Monteiro Lobato", in *Translation and Resistance*, ed. Maria Tymoczko. Amherst: Univ. Massachusetts Press, 2010, 190-210.

Milton, John. "The Political Adaptations of Monteiro Lobato", in *Tradução, Retradução e Adaptação*, *Cadernos de Tradução*, no. XI, 2003/1. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004, pp. 211-227.

Montgomery, Scott. *Science in translation: movements of knowledge through cultures and time*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

O'Sullivan, Emer. "Does Pinocchio have an Italian Passport? What is Specifically National and what is International about Classics of Childrens Literature", in *The Translation of Children's Literature: A Reader*, ed. Gillian Lathey. Clevedon: Multilingual Matters, 2006.

Preste, Dominique. "Por uma nova história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens". *Cadernos IG-UNICAMP*. V. 6 N.1. São Paulo, 1996.

Palavras-chave	História / historiografia da tradução, tradução científica; Leonardo Boff; Monteiro Lobato
Tipo de inscrição	Mesa-redonda